



Aldo Barranco/Divulgação

#cm
2
QUARTA-FEIRA

Imagem da última edição do Open Air realizado no Jockey Club, em 2023

A maior tela para a maior diversão

Se dizem que **o cinema é a maior diversão** por que não aproveitá-lo com **325 m²?** Com a maior tela de projecção do mundo, o **Open Air está de volta ao Rio com megasessões** de cinema, shows musicais e atrações gastronômicas **até 11 de abril no Jockey Club Brasileiro.** Página 2

Se é para ser grande... que seja Open Air

Curta sobre ancestralidades afrobrasileiras e longa vencedor do Festival do Rio abrem, em duo, a programação 2026 da maior tela ao ar livre do mundo



Dirigido por Rodrigo França, o curta 'O Pai da Rainha da Angola', com Lucas Oranmian e Dandara Arcebispo, abre o Open Air

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Para acolher a estreia de um filme que trata das ancestralidades africanas com o tamanho, metafísico, político e poético que elas têm, só mesmo uma tela com os 325 m² (o tamanho de uma quadra de tênis) com que conta o Open Air Brasil, vitaminado por uma projeção em 4K e um sistema de som com 28 caixas Dolby Digital Surround. É lá... na maior telona ao ar livre de que a América Latina já teve notícia... que o Rio de Janeiro vai bater cabeça para "O Pai Da Rainha De Angola", do dramaturgo, escritor, diretor teatral e cineasta Rodrigo França. O curta pilotado por esse multiartista (consagrado por suas pelejas antirracistas) passa nesta quarta, às 20h, e vai estar muito bem acompanhado. O programa de estreia do ecrã tamanho família do Jockey Clube inclui o filme de França e o vencedor do troféu Redentor de Melhor Longa-metragem do Festival do Rio 2025: "Pequenas Criaturas", de Anne Pinheiro Guimarães.

Os dois abrem um cardápio com 18 sessões espalhadas ao longo das próximas três semanas.

Inédito em nosso país, mas projetado outrora no 14^a AFRIFF (Africa International Film Festival) na Nigéria, "O Pai Da Rainha De Angola" é defendido pelo talento de Lucas Oranmian, numa atuação em estado de graça sobre construção de identidades. Na trama, ele vive Ravi, que decide adotar Thelminha (Dandara Arcebispo), uma menina de sete anos de idade. No processo de adaptação entre pai e filha, Ravi passa a compartilhar fragmentos de sua trajetória, revelando afetos,



'Pecadores', de Ryan Cogler, é a atração de sexta-feira



'O Agente Secreto' pinta na telona do Open Air nesta quinta (26)



'Uma Batalha Após A Outra', ganhador de seis Oscars, será exibido no dia 10 de abril



'Pequenas Criaturas', vencedor do último Festival do Rio, será exibido na sessão de abertura

memórias e aprendizados ligados às batalhas decoloniais. Em resposta, a menina também se revela, apresentando ao pai sua verdadeira identidade: Zuri, a rainha de Angola.

"Pequenas Criaturas", que vem a seguir, impressionou olhares na Suécia, na grade do Göteborg Film Festival, sob a graça de sua estrela, Carolina Dieckmann. Cheia de compromissos com a Globo, de novela em novela, ela raramente faz cinema, mas quando se arvora a levar seu talento à telona (vide

"Onde Andará Dulce Veiga?" e "O Silêncio do Céu"), encara o vale tudo (sem trocadilhos) com fome de investigação. Ela é um dos vetores de alumbramento desta delicada cartografia de desamparos na Brasília dos tempos da redemocratização. Em janeiro, a Mostra de Tiradentes renovou suas baterias, numa exibição popular de braços abertos para o choro. Com destreza na construção de uma atmosfera intimista, Anne criou um painel de afetos no DF de 1986, a partir da luta de

Helena (Dieckmann) para manter seus filhos unidos num contexto de solidão atroz. Fernando Eiras toma o filme de assalto ao viver um vizinho... digamos... raro.

Apresentado pelo Ministério da Cultura e pelo Nubank, o Open Air Brasil empresta toda a sua extensão a "O Agente Secreto", nesta quinta. Na sexta, rola "Pecadores". No sábado, "Hamnet". Domingo é dia de comédia, e das mais politicamente incorretas: "Superbad: É Hoje!" (2007).

De 25 de março a 11 de abril, no Jockey, a plateia do Open Air poderá desfrutar ainda de uma área gastronômica com opções para todos os gostos. Nos 14 dias de evento, o público vai poder aproveitar os sanduíches e as batatas fritas do T.T. Burger; as delícias do mar do La Carioca; a culinária argentina do Las Empanadas; a comida urbana do Quartinho; os clássicos italianos do Sisi; e as sobremesas da confeitaria Absurda. Na seleta musical do evento, rola Pedro Baby convidando Mart'nália, Catto, 22Dini-zz, Academia da Berlinda, Jéssica Gaspar e Ney Conceição Quinteto (o mesmo grupo que se apresenta regularmente no Cardoso). Essa turma toda sobe ao palco ao longo da programação.

A dieta principal desse empório sinestésico de quitutes artísticos é cinema, com direito a Quentin Tarantino. No dia 1^o, vai ter sangue rolando lá com "Kill Bill: The Whole Bloody Affair", a versão compacta que Quentin Tarantino fez de seu cultuado díptico de ação de 2003 e 2004, com Uma Thurman no papel de A Noiva. No dia 8, tem Ridley Scott e seu épico feminista "Thelma & Louise" (1992), com Susan Sarandon e Geena Davis. No dia 10, o ganhador do Oscar de Melhor Filme, Direção, Roteiro Adaptado, Montagem, Escalação de Elenco e Ator Coadjuvante (Sean Penn) pede passagem: "Uma Batalha Após A Outra", de Paul Thomas Anderson. O thriller cheio de ironia do diretor de "Sangue Negro" (2007) foi "O" vencedor da Academia de Hollywood deste ano por ser um tratado antitrumpista, numa reação do cinema dos EUA a um líder que opera na chave do ódio e fomenta conflitos bélicos a fim de alimentar a necessidade de "pão e de circo" de um povo (mal) educado por Bushes e Reagan.

Agora, no Open Air Brasil, toda a grandiosidade de Anderson será posta à prova. Sua dramaturgia se move a partir da rebeldia de uma mulher preta, Perfidia Beverly Hills (Teyana Taylor), que trata homens com a mesma voracidade e o mesmo desdém com que as forças femininas costumam ser tratadas ao longo da História. Há, ali, uma reflexão sobre racismo, encarnado no núcleo em volta do Coronel Steven J. Lockjaw (o ferrabrás encarnado por Sean Penn).

No encerramento, do dia 11, haverá sessão dupla. Primeiro, passa "Bob Esponja - Em Busca da Calça Quadrada" e, depois, "Maya and the Wave".

Os ingressos já estão disponíveis ao público na plataforma Sympla.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Estima a imprensa da Itália que se “Scherzetto” ficar pronto a tempo do 79º Festival de Cannes, que vai de 12 a 23 de maio na Côte d’Azur, um potencial candidato ao Oscar estará a pontos, a julgar pela excelência de seu protagonista, Toni Servillo. Aos 67 anos, ele foi escalado por Mario Martone, diretor napolitano de produções aclamadas (como “Nostalgia”), para interpretar o célebre ilustrador Daniele Mallarico, desenhista que vive em solidão até que se desenrola, ao longo de vários dias, um confronto inesperado com o seu neto, uma criança de imaginação fértil e indisciplinada.

Em paralelo, Servillo divide as telas com o germânico Sebastian Koch em “La Variante di Luneburg”, de Gabriele Salvatores, que deve ficar para 2027. Sua agenda é cheia por culpa de desempenhos convulsivos como o que apresenta em “A Graça” (“La Grazia”), de seu habitual parceiro, Paolo Sorrentino, hoje em cartaz no Rio. A produção deu a ele a Copa Volpi, o troféu de Melhor Atuação do Festival de Veneza do ano passado. Quem entregou a ele a láurea foi a carioca Fernanda Torres, a quem ele tietou, com ardor de fã, ao elogiar a atuação da colega brasileira em “Ainda Estou Aqui”.

“A Graça” é uma aula de atuação. Chamado apenas de Presidente e encarado como um indivíduo cindido entre o Ontem e o Amanhã, o juiz aposentado e atual chefe de estado Mariano De Santis - personagem de Marco Antonio “Toni” Servillo no filme - carrega um conflito em comum com todas as figuras oferecidas ao ator napolitano por Sorrentino: o desterro.

Assim como o escritor misantropo Jep Gambardella, que levou “A Grande Beleza” ao Oscar, há 12 anos, o estadista agora encarnado pelo maior astro da Itália na atualidade sofre com a falta de pertencimento. Seu país sucateou seus sonhos, assim como a Europa escanteou sua nação. Mesmo o cinema italiano, um dia encarado como o rival número 1 de Hollywood em matéria de invenção e de autoralidade (ali entre 1945 e o início dos anos 1980), foi para o banco de reservas do audiovisual. Mesmo filmografias de pátrias mais pobres que a sua – como a Romênia e a Hungria – hoje têm mais e melhor prestígio em maratonas de filmes. No entanto, sempre que Servillo e Sorrentino se juntam, a chance de encantamento – e de prêmios – é grande.

“O cinema que fazemos expõe as crises cultural do Ocidente, num momento repleto de medo e de perplexidade que acomete o Velho Mundo ao contabilizarmos as nossas perdas e perceber que viramos um museu a céu aberto”, disse o astro, ao Correio da Manhã, em pas-



Mariano De Santis (Toni Servillo) conta com a aprovação de seu povo em ‘A Graça’, em parceria com o diretor Paolo Sorrentino

Mastroianni pós-moderno

Circuito carioca se comove com a atuação do arlequim italiano Toni Servillo em ‘A Graça’, sua nova parceria com o diretor Paolo Sorrentino, que lhe rendeu prêmio no Festival de Veneza



‘Scherzetto’ põe o aclamado ator numa trama sobre avô e neto, com direção de Mario Martone

sagens de seus filmes pelo Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, onde “A Graça” foi aclamada.

Antes, a produção inaugurou o Festival de Veneza. Na terra das gôndolas, essa dramédia saiu inflada de elogios ao acompanhar a peleja de Mariano De Santis com o fim de seu mandato, o dilema da aprovação (ou não) do direito à eutanásia e a pulga atrás de sua orelha acerca de um possível adultério de sua finada

companheira, a quem amou loucamente.

O apelo de Toni é forte, amparado na consagração que colheu no teatro, desde sua estreia, na década de 1970. Nascido na comuna de Afrágola, ele deu seus primeiros passos na telona em 1992, quando “Morte Di Un Matematico Napoletano” deu ao já citado Mario Martone o Grande Prêmio do Júri de Veneza. A popularidade inter-



Astro encarna Berlusconi em ‘Silvio e os Outros’, hoje na Prime Video

nacional, contudo, só chegou em 2008, via Cannes, com dois longas que saíram premiados da Croisette: a comédia política “Il Divo”, do amigo Sorrentino, e o thriller de máfia “Gomorra”, de Matteo Garrone. O sucesso de ambos inaugurou uma nova fase para a Itália no cinema, conhecida como Renascimento, e que revelou expressões autorais a quilô.

“A realidade, quando exposta no cinema, seja com poesia, seja com

cruzeza, fere, por expor os nossos desequilíbrios. As feridas que vem do teatro carregam o acolhimento de uma arte milenar da qual eu não arredo pé. É o meu berço e é onde eu me recarrego”, diz Servillo.

Há cinco anos, ele ajudou Sorrentino a conquistar o Grande Prêmio do Júri de Veneza com “A Mão de Deus”, que está na Netflix. Apoiando-se no êxito que viu o cineasta alcançar por lá em 2021, Alberto Barbera, diretor artístico da competição pelos leões venezianos, afirmou no site do evento: “O retorno de Paolo à competição vem com um filme destinado a deixar sua marca por sua grande originalidade e forte relevância para o momento atual”.

Na Prime Video da Amazon é possível conferir um título essencial da dobradinha Servillo & Sorrentino: “Silvio e Os Outros” (2019), mais conhecido como “Loro”, que escancara as extravagâncias do estadista Silvio Berlusconi (1936-2023), que foi Primeiro-Ministro da Itália entre 1994 e 1995, 2001 e 2006 e entre 2008 e 2011.

“Toni é, antes de tudo, alguém em que eu posso confiar”, disse Sorrentino em Cannes.

Com 1,81m de altura e calvície assumida, Servillo, casado com a atriz Manuela Lamanna, foi eleito em enquetes recentes na imprensa da Itália o ator mais sexy de seu país, destronando galãs como Elio Germano e Riccardo Scamarcio. É um Mastroianni pós-moderno, que já filmou com outros gigantes como Marco Bellocchio e Lorenzo Mattotti. “É uma honra trabalhar com criadores que têm voz própria”, disse o ator.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Bella Campos estrela o filme vencedor do Festival de Gramado

‘Cinco Tipos de Medo’ estreia em 9 de abril

O premiado thriller “Cinco Tipos de Medo” divulgou data de estreia: 9 de abril. Junto do anúncio, o longa revela também uma cena inédita, destacando a química entre Marlene (Bella Campos) e Murilo (João Vitor Silva), cujo envolvimento desencadeia em um caminho de amor, violência, medo e esperança, entrelaçando suas histórias às do traficante Sapinho (Xamã), da policial Luciana (Bárbara Colen) e do advogado Ivan (Rui Ricardo Díaz). Inspirado em um caso real ocorrido na periferia de Cuiabá, o filme marca a estreia de Bella Campos e Xamã nos cinemas, e conta ainda com participações especiais de Rejane Faria, Jonathan Haagensen, Zécarlos Machado, Luana Tanaka, Luiz Bertazzo, Rodrigo Fernandes, Beto Fauth, Amauri Tangará e Eloá Pimenta.

Novo edital na praça

O Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SececRJ), deu o pontapé inicial na execução da Política Nacional Aldir Blanc em 2026 com o lançamento do edital Fluxos Fluminenses, com investimento de R\$ 22,5 milhões e 225 vagas distribuídas entre linguagens artísticas como dança, teatro, música, artes visuais, museus e patrimônio cultural. As inscrições ficam abertas até as 18h do dia 13 de abril, através da plataforma Desenvolve Cultura.

Empreendimento

O trombonista brasileiro Felipe Brito é cofundador e diretor musical do “Underground Jazz”, uma série de concertos de jazz que acontecem mensalmente na casa de shows Scout Hall, em Cape Girardeau (Missouri, EUA). Ele convidou grandes nomes e jovens talentos do jazz.

Empreendimento II

O projeto se iniciou em 2024 com a participação do trombonista Andre Hayward. “Esta série de concertos traz uma perspectiva renovada ao gênero jazz, oferecendo uma experiência ao mesmo tempo inovadora e profundamente enraizada em sua herança cultural”, diz Brito.

Delia Fischer em piano e voz

A cantora, compositora e pianista Delia Fischer vai apresentar pela primeira vez em formato piano e voz na estreia do show “Solar” nesta quarta (25) no Blue Note Rio. O repertório reúne músicas conhecidas e icônicas da MPB, muitas delas já gravadas por Delia, de autores como Milton Nascimento, Beto Guedes, Lô Borges, Guilherme Arantes, Caetano Veloso e Gilberto Gil.



Divulgação



Divulgação

A Furiosa Portátil é fruto da Escola Portátil de Música

Um concerto para Radamés

Orquestra Furiosa Portátil celebra compositor fundamental em temporada 2026 na Casa do Choro

AFFONSO NUNES

Projeto educacional da Escola Portátil de Música (EPM), a Orquestra Furiosa Portátil inicia sua temporada 2026 com um concerto inteiramente dedicado a Radamés Gnattali (1906-1988), figura central da música brasileira do século 20. O evento marca também os 120 anos de nascimento do compositor, que deixou uma obra monumental: mais de 300 peças de concerto e 200 títulos na música popular, além de milhares de arranjos.

Mas a relevância de Gnattali está acima de simples números. “Radamés foi pianista de primeira, compositor brilhante e incansável, além de arranjador fundamental na construção da música brasileira”, destaca Maurício Carrilho, diretor da Casa do Choro. O músico nunca lecionou formalmente, mas ensinou através da prática: “aprendendo, ouvindo, tocando, juntando sons e gente, generosamente”. Tom Jobim o considerava um mestre, um pai musical.

No choro, Gnattali foi modernizador desde os anos 1930. Sua suíte “Retratos” (1956), posteriormente adaptada para bandomolim e conjunto de choro nos anos 1970, tornou-se marco que redefiniu o gênero e influenciou gerações posteriores. A Casa do Choro abriga desde 2023 o Acervo Radamés Gnattali, completamente reorganizado, recondicio-



Divulgação

Radamés Gnattali

“Radamés foi pianista de primeira, compositor brilhante e incansável, além de arranjador fundamental na construção da música brasileira”

MAURÍCIO CARRILHO

nado e digitalizado sob curadoria de Roberto Gnattali.

O programa traz arranjos históricos do acervo, peças não tocadas desde a era de ouro da Rádio Nacional como “Fumaça do Meu Cachimbo” e “Choro Sofisticado”, além de novas adaptações criadas especialmente para a Orquestra Portátil. O repertório

reúne obras que exemplificam a versatilidade do compositor: desde choros sofisticados até sambas e valsas, demonstrando sua maestria seja na música de concerto seja na música popular.

Formada em 2005, a Orquestra Portátil nasceu como uma prática coletiva da EPM e se consolidou como referência nacional no ensino e difusão do choro, gênero reconhecido como patrimônio cultural brasileiro. A proposta é unir a força sonora de uma orquestra à espontaneidade popular do choro, oferecendo uma experiência musical que emociona e educa.

A coordenação geral é da cavaquinista Luciana Rabello, fundadora da Casa do Choro e da EPM, e a regência dos concertos é assinada pelo maestro e pesquisador Pedro Aragão (professor da UniRio). “Levar a Orquestra Portátil a diferentes regiões é um ato de amor à nossa cultura. A proposta é justamente descentralizar o acesso e valorizar o choro como expressão viva e contemporânea. O circuito no Rio de Janeiro, em regiões periféricas, reforça nosso propósito de formar músicos e públicos em todo o Brasil, mantendo viva a tradição do choro em diálogo com o presente”, destaca Luciana.

RADAMÉS GNATTALI 120 ANOS
SERVIÇO
Casa do Choro (Rua da Carioca, 38 – Centro)
25 e 26/3, às 19h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Um versão marcada pelo respeito

Neguinho da Beija-Flor lança single com releitura de ‘Deixa Eu Te Amar’, o grande sucesso de Agepê, um clássico do samba-romântico

AFFONSO NUNES

Antônio Gilson Porfírio, o Agepê (1942-1995), fez o Brasil inteiro cantar “Deixa Eu Te Amar”, lindamente aberta com os versos “Quero ir na fonte do teu ser / E banhar-me na tua pureza / Guardar em pote gotas de felicidade / Matar saudade que ainda existe em mim”. A célebre canção, um ícone do samba-romântico, acaba de ganhar interpretação



Neguinho da Beija-Flor homenageia uma canção que o Brasil inteiro aprendeu a amar

de Neguinho da Beija-Flor, um dos maiores nomes do samba. A faixa, já nas plataformas digitais, chega acompanhada de clipe.

A releitura mantém a essência da composição original. A melodia envolvente e a letra que fala da intensidade do amor permanecem intactas, mas ganham nova respiração na interpretação de Neguinho. O arranjo, conduzido por Jonathan Carlos Lima de Branco, equilibra a sonoridade contemporânea com a tradição do samba romântico.

Neguinho não é um nome qualquer no universo do samba. À frente da Beija-Flor de Nilópolis por décadas, o artista construiu carreira marcada por sucessos que consolidaram sua voz como uma das mais expressivas do gênero.

“É uma honra dar voz a uma música tão importante. ‘Deixa Eu Te Amar’ marcou gerações na voz do inesquecível Agepê e agora ganha uma nova interpretação na minha voz, com muito carinho e respeito por essa obra incrível dele em parceria com Ismael Camillo e Mauro Silva”, destaca o artista.

A produção fonográfica é assinada pelo próprio Neguinho em parceria com Elaine Cristina dos Reis Gonçalves Marcondes, que também integra o coro da faixa. Essa escolha de envolver colaboradores diretos no processo de gravação reforça o caráter artesanal da releitura, um trabalho de respeito aos detalhes.

Neguinho deixa claro que não pretende substituir a versão de Agepê. Prefere oferecer um complemento, com nova perspectivaq.

UNIVERSO SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



As estações do amor

Felipe Antunes lança o clipe de “Pode Apostar”, primeiro single do álbum “Dança Do Universo”. O vídeo acompanha um casal ao longo das quatro estações do ano, representando as fases de um relacionamento. “A gente criou o clipe pensando em estações. O relacionamento começa no outono e termina no verão, passando por todas as estações. No outono eles estão se conhecendo, no inverno estão apaixonados e convivendo bastante, na primavera começam a se distanciar e no verão se separam”, explica o artista.



Na trilha do gol

O estadunidense Jelly Roll e o mexicano Carín León e o produtor canadense Cirkut lançaram “Lighter”, primeira faixa do álbum oficial da Copa do Mundo Fifa 2026. A colaboração une artistas dos três países anfitriões – Estados Unidos, México e Canadá – em uma produção que mescla country, música regional mexicana e influências globais. A faixa marca o início de um projeto musical para o torneio mais inclusivo da história do evento. O álbum completo já está disponível em plataformas digitais.



Canção de superação

A cantora britânica Raye apresentou “Click Clack Symphony”, novo single do álbum “This Music May Contain Hope”. A faixa, que conta com participação do compositor Hans Zimmer, aborda superação e esperança em momentos difíceis. A música, apresentada ao vivo durante a turnê mundial, traz um monólogo sobre encontrar propósito além da rotina diária. Segundo Raye, a inspiração veio dos saltos altos e da necessidade de apoio de amigos e familiares para retomar a vida em fases desafiadoras.



Flávia Tápias em 'Cinco Coreógrafos em um Corpo'

A potência do corpo maduro

Em cartaz no Espaço Tápias, remontagem de 'Cinco Coreógrafos em um Corpo' reúne solos de criadores brasileiros e internacionais

Vinte anos separam a criação original de "Cinco Coreógrafos em um Corpo" de seu retorno aos palcos. Nesse intervalo, a obra que marcou a trajetória de Flávia Tápias ganhou novos significados — deixou de ser apenas um experimento estético para se tornar um ma-

nifesto contra o apagamento do corpo envelhecido nos palcos de dança contemporânea.

A remontagem, que encerra sua temporada neste fim de semana na Sala Maria Thereza Tápias, confronta questões urgentes sobre etarismo e invisibilidade. Quando Flávia afirma que "existe uma potência no corpo maduro que precisa ser vista e celebrada", ela não

está sendo poética — está sendo política.

Criado em 2006 para a bailarina e coreógrafa, o projeto original já trazia uma proposta radical: diferentes olhares coreográficos dialogando com um único corpo. Foram duas versões: uma com cinco coreógrafos brasileiros, outra com cinco criadores internacionais. O resultado consolidou o Grupo

Tápias como ponte entre a dança brasileira e os circuitos europeus — especialmente França, Bélgica e Alemanha.

A nova montagem reúne dez solos, cinco nacionais e cinco internacionais, apresentados em composições distintas a cada noite.

Entre os nomes remontados estão criadores de expressão na cena contemporânea. Pol Coussement (Bélgica) com "Light Piece / Copy That", investigação sobre luz e percepção onde o vídeo vira matéria coreográfica. Stéphanie Thiersch (Alemanha) apresenta "Living Room", que tensiona sonho e confinamento em um espaço íntimo. Rami Levi (Israel) traz um solo inspirado em fisicalidade animal. Thomas Lebrun (França) oferece "On ne se connaît pas encore mais", inspirado em Carmen Miranda e suas contradições entre exuberância pública e melancolia.

No eixo nacional, Giselle Tápias (co-diretora do Espaço Tápias) criou "Rede", transformando símbolo cultural brasileiro em dramaturgia corporal. Paulo de Moraes contribui com "Da Família dos Crocodilos", obra de forte densidade que integra o repertório histórico da companhia. Henrique Rodovalho reinterpreto "Semelhante" em 2025, tensionando estrutura musical e liberda-

de do gesto.

Flávia Tápias estará no palco no dia 28. No dia 29, quem apresentará cinco solos será Letícia Xavier, bailarina de São Gonçalo, descoberta em audição e integrante da companhia desde o projeto "Café Não é Só uma Xícara". O mesmo material coreográfico atravessando corpos de gerações distintas revela transformações, permanências e deslocamentos.

Inaugurado em 2022 na Barra da Tijuca, o Espaço Tápias é um importante núcleo de criação, pesquisa e circulação da dança contemporânea no Brasil. Sob direção de Giselle e Flávia Tápias, nomes reconhecidos nacional e internacionalmente, o centro oferece salas para aulas, ensaios e a Sala Maria Thereza Tápias, dedicada a espetáculos e apresentações. O espaço também acolhe artistas independentes, fomentando ambiente colaborativo de experimentação.

SERVIÇO

CINCO COERÓGRAFOS EM UM CORPO

Sala Maria Thereza Tápias – Espaço Tápias (Av. Armando Lombardi, 175 – 2º andar, Barra da Tijuca)
28 e 29/3, às 19h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

A violência do silêncio

Espectáculo ‘Hetero Sigilo’ nasceu de ataque homofóbico em 2023 e virou fenômeno nas redes sociais

O que custa para caber? Essa é a pergunta que move “Hétero Sigilo”, monólogo que Bernardo Dugin leva ao palco do Teatro Laura Alvim a partir de 6 de março. Não é um espetáculo sobre orientação sexual — é sobre o preço psicológico de viver sob a lógica do disfarce, a violência que começa no silêncio imposto pela sociedade.

A peça nasceu de uma experiência real. Em 2023, Dugin e seu namorado sofreram um ataque homofóbico durante uma missa de sétimo dia em Nova Friburgo. O episódio repercutiu



Bernardo Dugin em ‘Hétero Sigilo’, dramaturgia de sua autoria inspirada por um caso real

nacionalmente e transformou o padre responsável em réu por racismo qualificado. O Ministério Público do Rio pediu indenização por danos morais coletivos, reconhecendo o impacto daquela atitude. Mas para Dugin, o trabalho teatral não era sobre justiça

— era sobre compreender o sistema que permite ataques assim. “O espetáculo não é sobre assumir uma orientação sexual. É sobre o que a gente precisa esconder para continuar existindo sem ser punido por isso”, diz o ator. Durante anos, ele viveu sob

a máscara de um personagem heterossexual que ele mesmo criou. O monólogo revisita essa experiência para expor como a heteronormatividade ensina a mentir, performar e se aprisionar. Antes de chegar aos palcos, “Hétero Sigilo” funcionou como

projeto transmídia. Durante a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ na Avenida Paulista, foi criada a “Caixa do Sigilo”, instalação onde pessoas relataram histórias reais de vidas vividas em anonimato. Nas redes sociais, o perfil @hetero.sigilo24 satirizou situações cotidianas do “sigilo”, alcançando quase 5 milhões de visualizações antes mesmo da estreia teatral.

A direção é de João Fonseca, responsável por sucessos como “Cazuza – Pro Dia Nascer Feliz, o Musical” e “Minha Mãe É Uma Peça”. “O que me interessa é que ele não aponta o dedo, ele expõe um sistema. É uma peça íntima, mas profundamente política, porque fala do preço que se paga para caber numa norma que adocece”, explica Fonseca. A trilha original e direção musical são de Federico Puppi, cuja música funciona como camada dramática contínua, ampliando silêncios e tensões da cena.

Dugin é diretor do Grupo TACA, coletivo com 50 anos de história no teatro fluminense. Participou de produções da TV Globo como “Mania de Você” e “Todas as Flores”, além de trabalhos no cinema. Mas “Hétero Sigilo” marca sua estreia como dramaturgo — e o resultado é um relato que aponta caminhos possíveis de coragem e pertencimento em meio à pressão de conformidade.

SERVIÇO

HÉTERO SIGILO

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema)
Até 29/3, sexta e sábado (20h)
Ingressos: R\$ 60

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Carol Pires/Divulgação



Desempenho em questão

Últimos dias para assistir “Sociedade Do Cansaço”, em cartaz no Teatro Angel Vianna até domingo (29). Dirigido e coreografado por Alessandro Brandão e Sueli Guerra, o trabalho é baseado no livro homônimo de Byung-Chul Han e investiga a “sociedade do desempenho”, marcada por aceleração constante, ansiedade e depressão. O espetáculo resgata conceitos e culturas que se opõem a esse modelo de vida. Sem oferecer respostas fechadas, a obra abre espaços de reflexão e propõe novas formas de lidarmos com a contemporaneidade.

Divulgação



Obsessão por jogos

A comédia “Raspadinhas” encerra temporada neste domingo (29) no Espaço Abu, em Copacabana, até 29 de março. Estrelada por Alain Catein e dirigida por Daniel Dias Da Silva, a peça aborda a relação do brasileiro com jogos de azar através do humor e da crítica social. A trama acompanha uma família comum cuja rotina é transformada pela obsessão com raspadinhas. O espetáculo explora desde o tradicional jogo do bicho até as modernas plataformas de apostas digitais, refletindo o contexto atual em que as bets são cada vez mais acessíveis.

Luis Teixeira/Divulgação



Resiliência feminina

Com direção de João Fonseca, a peça “Cordélia Brasil” fica em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) até domingo (29). O clássico retorna em nova montagem que acompanha Cordélia (Paula Goja), em sua luta pela sobrevivência em uma quitinete. Trabalhando como auxiliar de escritório e se prostituindo para sustentar o marido Leônidas (Antonio Pina), ela enfrenta a inércia do companheiro e a miséria cotidiana. A chegada do jovem Rico (Pedro Pedruzzi) desestabiliza a relação do casal.

Divulgação



Cena da videoinstalação 'Sísifo', que leva a pedra da mitologia grega para ser empurrada por uma mulher na Baixada Fluminense

E a pedra de Sísifo foi parar na Baixada

Videoinstalação de Fabiano Mixo estreia no Sesc Nova Iguaçu

AFFONSO NUNES

O que significa empurrar uma pedra montanha acima em 2026? Para o cineasta Fabiano Mixo, nascido em Nova Iguaçu e radicado em Berlim, a resposta é visceral - e literal. Nesta sexta (27), o Sesc Nova Iguaçu abre as portas para "Sísifo", uma videoinstalação que funde cinema imersivo à paisagem do bairro de Três Corações, na Baixada Fluminense. Trata-se da estreia do artista em solo fluminense, um retorno às raízes que marca também sua afirmação como criador de tecnologias imersivas.

Mixo constrói sua carreira nas margens da indústria audiovisual tradicional. Trabalhos seus passaram por Tribeca (Nova York), Berlinale Talents e MIT Open Documentary Lab. Recebeu o Lumen Prize (Londres) e reconhecimento da Associação Alemã de Críticos de Cinema no European Media Art Festival. Agora, em vez



Artista radicado na Alemanha, Fabiano Mixo produz pela primeira vez no território onde nasceu

de buscar circuitos europeus, escolhe produzir integralmente no território onde nasceu — e isso muda o significado da obra.

A videoinstalação é protagonizada pela atriz Anna Marcia Mixo, mãe do diretor, em seu primeiro trabalho ao lado do filho. Sua presença na tela transforma o esforço cíclico de Sísifo em experiência de humanidade — apenas o corpo de uma mulher enfrentando o impossível.

O núcleo criativo reúne artistas da região. Raimundo Rodriguez, responsável pela direção de arte, esculpiu uma pedra monumental em caráter hiper-realista que funciona como transição entre a projeção e o espaço físico. Rodriguez vem de produções como "Hoje é dia de Maria" e "A Pedra do Reino". "A pedra de Raimundo não é um adereço; ela é uma presença viva que permite ao público dimensionar o esfor-

ço físico da personagem", explica Mixo.

A curadoria é de Rebeca Brandão. O projeto foi selecionado pelo Edital Sesc RJ Pulsar, que financiou a produção.

Há uma operação conceitual clara aqui. Mixo reinterpreta Sísifo não como condenação existencial, mas como persistência — aquela que caracteriza a labuta diária do brasileiro. "Em 'Sísifo', a condenação vira persistência. É a

“Em 'Sísifo', a condenação vira persistência. É a liberdade de criar o próprio propósito em meio ao que parece sem sentido”

FABIANO MIXO

liberdade de criar o próprio propósito em meio ao que parece sem sentido”, explica o diretor, ecoando Camus. O mito grego, portanto, deixa de ser metáfora europeia e vira espelho da Baixada.

SERVIÇO SÍSIFO

Sesc Nova Iguaçu (Rua Dom Adriano Hipólito, 10 - Moquetá) | De 27/3 a 26/4
Entrada franca